

O DESAFIO DA MEMÓRIA

André Bueno

Liezi, autor que teria vivido em algum momento do século 5 AEC na China antiga, nos legou uma história bastante interessante sobre o conceito de Memória [Ji] entre os chineses: [em toda citação, use :]

"Havia em Song um homem chamado Huazi, que contraiu ao chegar à meia idade a singular doença de esquecer tudo. Tomava uma coisa de manhã e esquecia-se dela à noite, e recebia uma coisa de noite e já não se lembrava pela manhã. Quando estava na rua esquecia-se de andar, e estando em casa esquecia-se de sentar-se. Não podia recordar-se do passado no presente nem do presente no futuro. [...] Huazi disse: 'Quando eu estava mergulhado no mar do esquecimento, não sabia se o céu e a terra existiam ou não. Agora me despertaram, e todos os triunfos e reveses, as alegrias e as tristezas, os amores e os ódios dos decênios passados voltaram a perturbar o meu peito. Receio que no futuro os triunfos e os reveses, as alegrias e as tristezas, os amores e os ódios continuem a oprimir o meu espírito como me oprimem agora. Posso eu recuperar algum dia sequer um instante de esquecimento?'" [Liezi, cap.1]

[Insira sempre um espaço vazio entre parágrafos]

A história de Liezi trata do tema da memória, elemento fundamental para a construção da história e da individualidade. Para os daoístas, que gostavam de jogar com o sonho e com a memória, a aniquilação da reminiscência da cultura e dos sentimentos significava o tão desejado retorno a 'natureza original'; mas o 'homem que esqueceu' revela um ponto problemático para a humanidade; pode ela construir-se sem a memória, sem a manutenção de suas tradições?

[não use qualquer tabulação ou recuo: mantenha o texto alinhado em 0]

José d'Assunção Barros comenta que:

"Desde já, algumas questões fundamentais merecem ser colocadas para uma maior compreensão acerca da Memória Social e de suas formas de interação com a História. Entre elas, e de modo a superar a inadmissível avaliação da memória como mero depósito de dados e de informações relativas à coletividade ou à vida individual, devemos pensar na Memória como instância criativa, como uma forma de produção simbólica, como dimensão fundamental que institui identidades e com isto assegura a permanência de grupos. A Memória, portanto, já não pode mais nos dias de hoje ser associada metaforicamente a um "espaço inerte" no qual se depositam lembranças, devendo ser antes compreendida como "território", como espaço vivo, político e simbólico no qual se lida de maneira dinâmica e criativa com as lembranças e com os esquecimentos que reinstituem o Ser Social a cada instante". [Barros, 2009, p. 37] [Citação no corpo-não use recuos]

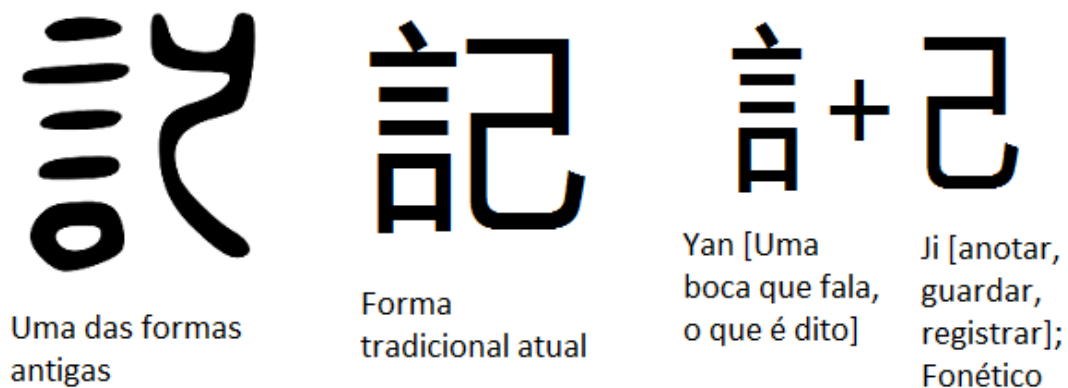
Nesse sentido, Confúcio [551-479 AEC], o grande pensador do passado chinês, acreditava que a humanidade só existia com a cultura, e desde o nascimento somos inseridos nela; para ele, pois, o problema consistia na

As marcações em vermelho servem apenas para indicar os pontos fundamentais de estilo do texto. Não insira número de página.

transmissão das tradições, de modo que o indivíduo pudesse se integrar por completo na sociedade, evitando que a ignorância e selvageria se apoderassem de sua autonomia. Como ele mesmo afirmou, "Quando a natureza prevalece sobre a cultura, obténs um selvagem; quando a cultura prevalece sobre a natureza, obténs um pedante. Quando natureza e cultura estão em equilíbrio, obténs um cavalheiro" [Lunyu, cap. 6]. A preservação da cultura dependeria, pois, da memória, pilar da civilização: "Quando se honram os mortos e a memória dos ancestrais remotos se mantém viva, a virtude de um povo encontra-se em seu apogeu". [Lunyu, cap. 1]

Escrita e tradição [subtítulo em negrito]

Essa visão concordava com a própria etimologia da palavra Ji [memória], como nos revela o ideograma:



Fonte: <https://hanziyuan.net/#%E8%A8%98>

[imagem centralizada, referência logo abaixo, seja online ou de livro]

Contudo, como preservar essa memória? Desde saída, sabe-se que o humano – por mais extensas que sejam suas capacidades de memorização – escolhe os fragmentos do passado que preserva para si mesmo, o que dá dimensão a sua vida individual. Por consequência, essas escolhas se refletem no entendimento e na interpretação dos ritos [ou, a cultura], que articulam a sociedade e o imaginário que ela constrói sobre si mesma.

Sem esse imaginário construído pela cultura, e apreendido pelo binômio educação-experiência, a sociedade perde-se nas leis, nos excessos e nas ausências. A história, portanto, fornece a ligação necessária para a manutenção da cultura, transformando-se numa literatura redentora. Mas como fixar a memória, o alicerce das lembranças históricas? [Bueno, 2004]

Referências

Dr. André Bueno é professor de História Oriental na UERJ, e coordenador do Projeto Orientalismo [www.orientalismo.site]

[apresentar primeiro a bio d@ autor@; a seguir, a bibliografia]

As marcações em vermelho servem apenas para indicar os pontos fundamentais de estilo do texto. Não insira número de página.

BARROS, José D'Assunção. "História e memória – uma relação na confluência entre tempo e espaço" in MOUSEION, vol. 3, n.5, Jan-Jul, 2009, p.37 [ref. para artigo]

BUENO, André. A tradição histórica chinesa, 2004. Disponível em:

<http://sinografia.blogspot.com/2007/07/a-tradicao-na-historia-chinesa-nove-mbro.html> [ref. para internet]

LIEZI. Tratado do Vazio Perfeito. São Paulo: Landy, 1999. [ref. para livro]